

Título: O femigenocídio na contemporaneidade: *A Letra Escarlate* na *pravda* da mulher

Introdução

Desde muito tempo que a mulher tem sido marcada pelo machismo de variadas maneiras. O seu corpo, até hoje, século XXI, mesmo com algumas conquistas, ainda é motivo de discussões e decisões socioculturais por parte de outros, que determinam o que é permitido ou não para ela, invadido de muitas formas, com violências em diversas esferas, já não mais apenas (como se fosse pouco) no espaço privado ou no doméstico, mas de modo público e coletivo, espetacularizado, com atos estimulados, em especial, pelas mídias e, em especial, nas redes sociais e em grupos específicos.

Ao ato público e coletivo de violação das mulheres e crianças, em contexto de guerra declarada (como o caso da Palestina) ou não (caso, por exemplo, dos abrigos devido às enchentes do Rio Grande do Sul, mas também sem circunstância ou situação contextual de calamidade, no cotidiano), como ato “naturalizado”, que, tamanha a recorrência e modo de veiculação noticiada, já não causam mais tanto horror e comoção quanto deveriam diante da barbárie, como se caracterizam, seja realizado por muitas pessoas sobre e em uma mulher ou menina, seja sobre e em muitas mulheres e meninas, seja ainda sobre e em grupos e/ou povos inteiros, Rita Segato (2012) denomina “femigenocídio”.

Este plano propõe uma investigação oposta ao que, geralmente, é realizado. Explicamos: não partimos de dados de casos reais para analisar uma obra de arte ou como determinado “fato” é enunciado. Partimos da obra *A Letra Escarlate*, já como reflexo-refração de um ato social histórico estetizado, para refletir, como esse enunciado figurativiza, no grande tempo da cultura, uma “ética” *pravda* vivida ao longo da história pelas mulheres, em todo o mundo. Para isso, coletaremos dados de “femigenocídios” calcados em eventos expressivos de 2024 e do primeiro semestre de 2025 no mundo, bem como faremos um estudo, como estado da arte, para demonstrar como esse traço marca uma prática sistêmica violenta típica do patriarcado ou, em outras palavras, o quanto a mulher, como mulher, nasce e vive sua história, marcada com uma “letra escarlate”, não de adúltera, como ocorre na obra-mote da pesquisa proposta, mas de mulher – não nos referimos ao biológico, mas sim a como o biológico é politizado, como compreende Segato (2012) como “território” a ser “ocupado”, “invadido”, “colonizado”, “dominado” e “doutrinado”/“docilizado”, conforme a lógica patriarcal. Por isso, também traremos, no estudo a ser realizado, dados cotidianos culturais de “naturalização” da violência existente no trato interpessoal com a mulher, a fim de demonstrar o quanto ela vive um constante estado de luta, de disputa e de guerra entre tentar existir por meio da resistência e ser obrigada a ser submeter, por sobrevivência. De certa forma, como diz a letra de uma canção de rap que se tornou uma espécie de hino de sujeitos subalternizados: “Por que devo me preocupar com a morte se já nasci morto?”. Todavia, como nos ensina Beauvoir (1980): “Não se nasce mulher. Torna-se”. Este plano é sobre esse tornar-se.

De acordo com Segato é importante não apenas criarmos termos específicos para os atos de violência contra as mulheres para traçarmos um limite entre violência de gênero e outras formas de criminalidade, para demonstrarmos o universo dos crimes do patriarcado e para compreendermos os mecanismos de controle criados pelo sistema para marcar/controlar/dizimar a mulher, calcada no ódio de gênero (logo, a violência contra a mulher, para a autora, é, antes de tudo, uma violência de ódio e deve ser encarada como tal – como crime de ódio).

O que vemos em *A Letra Escarlate* é, por meio de um exemplo, o mecanismo de ódio, tanto de homens quanto de mulheres, contra uma mulher específica (mas não apenas contra ela). O seu caso individual pode ser considerado coletivo pela dimensão que atinge e por ela ter seu corpo utilizado como território público coletivo marcado como exemplo a não ser seguido. Apontada, excluída, julgada e condenada por todos por ousar viver o que a comunidade não permite. Ela não foi morta, mas teve seu corpo abusado. O seu caso pode ser considerado genocídio porque “exemplar” e por não ter tido direito à defesa nem ter sido amparada pela humilhação e pela tortura pela qual passou.

Quantos casos como este não vemos e vivemos todos os dias, no Brasil e no mundo? Quantas meninas e quantas mulheres não nos estão pedindo socorro agora, sendo estupradas, amputadas, passando por abusos os mais diversos, desde a violência verbal-simbólica até o homicídio, em muitas comunidades, invisibilizadas, negligenciadas por todos nós? Colocar luz a essa temática e a esses casos

e sujeitos é a relevância desta proposta, que vai ao encontro dos ODS 5 (“Igualdade de Gêneros”), 10 (“Redução das Desigualdades”) e 4 (“Educação de Qualidade”), da Agenda 2030, da ONU, ao se voltar à relação arte, sociedade, política e cultura, numa relação ética-estética.

A episteme teórica que nos fundamenta segue duas linhas: uma, bakhtiniana, para tratarmos das relações discurso, sociedade e cultura com foco na análise de enunciados, com um enfoque verbivocovisual; e a outra, dos estudos culturais, especialmente, de estudiosas feministas da antropologia e da sociologia do sul global e da contemporaneidade. Assim, para tratar da temática aqui elencada, serão mobilizadas, neste plano (que integra a pesquisa do orientador e se volta às áreas prioritárias de pesquisas em Ciências Humanas), as noções bakhtinianas de diálogo, enunciado, ética, estética, reflexo e refração, arte e vida; e as noções culturais de feminicídio e femigenocídio. O foco se volta ao enunciado estético romanesco *A Letra Escarlata* como mote ético singular sociocultural discursivo para reflexão de dados midiaticizados nos anos de 2024 e 2025.

Por que partir de um enunciado estético? Exatamente porque entendemos e assumimos, como Bakhtin e o Círculo, que a arte parte do solo social para criar o belo, de modo posicionado, e se volta novamente ao sociocultural afetando-o com o que produziu. De certa forma, a obra estética, ficcional, por mais que se volte à base social, não se relaciona com o real de modo direto, uma vez que se caracteriza de outra forma (é um outro texto/discurso, de outra natureza/realidade) e, talvez por isso, tenha certa liberdade de expressão e consiga alcançar o cerne humano de um jeito único. Como todo enunciado, entretanto, a arte e, em especial, o romance, re-vela um determinado tempo-espço histórico singular, ao mesmo tempo em que responde a ele e a outros tempos-espços (passados e futuros). Ao pensarmos em *A Letra Escarlata*, precisamos considerar o contexto de produção da obra, o contexto ao qual ela se refere, refletir sobre o papel da mulher e o domínio que possui (ou não) sobre si nesses contextos (de produção e da narrativa), assim como relacionar todo esse contingente unitário ao processo da história das mulheres e das culturas para compreender, com um olhar mais cuidadoso, o que ocorre conosco hoje e por que, por mais conquistas que as mulheres tenham conseguido, a luta básica de liberdade de si ainda seja a mais difícil e a menos atingida. Melhor dizendo: talvez, quanto mais a luta caminhe pela conquista (mínima que seja) de voz e vez, o extremo oposto também ocorra, ou seja, mais violência sofre, maior o ódio contra as mulheres, apenas por existirem e resistirem. E essa é a relevância e a justificativa do estudo proposto.

Para Segato (2012), as violências feminicidas têm duas dimensões: expressiva e instrumental. A autora as interpreta a partir de dois eixos: 1) o vertical, referente à relação de poder assimétrica entre o criminoso e a vítima, logo, de forma interpessoal; e 2) o eixo horizontal, referente à relação de poder simétrica entre o criminoso e seus pares, segundo ela, de modo mais estrutural e menos pessoal (na verdade, ela chama de “impessoal”, mas como, discursivamente, sabemos não haver impessoalidade, tratamos esse eixo como menos pessoal ou menos subjetivo e mais estrutural).

Dentre as relações simétricas entre os pares, Segato (2006) utiliza algumas expressões, como, por exemplo, “irmandade masculina” e “pacto de sêmen” para pensar sobre o que denomina como “dominação dos homens sobre as mulheres”, que compreende como “pré-requisito para que eles compartilhem da irmandade masculina e estabeleçam relações simétricas entre seus pares”. A partir desse “pacto”, Segato (2012), utiliza a comparação do corpo da mulher como território para explicar o comportamento misógino patriarcal. Pensamos, a partir da sua explicação, casos de estupro coletivos, em lugares públicos, atos replicados nas redes sociais, jogos com xingamentos, estupros virtuais e até agendados...cada vez mais “comuns” (ou mais divulgados) e mais estimulados entre grupos de homens, com tratamentos violentos contra as mulheres, em especial, em gerações mais novas, entre grupos mais posicionados à direita e, principalmente, à extrema direita.

Esse crime, espetacularizado, que “escapa” da vida privada e toma ruas, bares, academias, redes sociais, banheiros públicos etc, não deixa de ser uma violência que se classifica como um feminicídio (que não necessariamente precisa, segundo a autora, chegar à morte física), mas adquire uma outra dimensão, a do femigenocídio, por passar a ser público, coletivo e exercido de modo incentivado, como ato ser “encorajado” entre e pelos homens, uma vez que o corpo da mulher é encarado, de acordo com uma lógica machista (e) misógina, como território a ser conquistado e violado.

Isso ocorre porque, conforme a autora, o corpo é o elemento básico da identidade. Nas catástrofes, como guerras, perda de território (casas, por exemplo) ou disputas e invasões territoriais,

a sexualização e a violação dos corpos (especialmente, das mulheres, pela possibilidade da reprodução – geração de um “herdeiro”, fruto de uma nova “semeadura” populacional e também porque a mulher ser objetificada, em particular, de modo sexualizado) funciona como um elemento simbólico da ordem patriarcal. Assim, o domínio dos corpos das mulheres são indicativos de força (machista) de uma sociedade (daí, por exemplo, os discursos controladores da igreja sobre os direitos reprodutivos das mulheres – desde sua virgindade até sua concepção, passando por modo de falar, tom de voz, modo de vestir, maquiagem, cortar o cabelo etc – isto é: como deve ser seu corpo – de se portar, entre outros).

Os crimes expressivos, então, são aqueles que revelam, cada vez mais crueldade como manifestação de poder e soberania dos homens: “el cuerpo de las mujeres asesinadas es consumido como un tributo que exhibe y alimenta la potencia, cohesión, reproducción e impunidad” (2006, p. 08). Por isso, para a autora, “solamente una caracterización precisa del modus-operandi de cada tipo particular de crimen y la elaboración de una tipología lo más precisa posible de las diversas modalidades de asesinatos de mujeres podría llevar a la resolución de los casos, a la identificación de los agresores, y al tan anhelado fin de la impunidad” (2006, p. 08).

A luta contra a violência feminicida se faz cada vez mais urgente diante da ocupação predatória e da colonização executadas sobre os corpos das mulheres e, dada a barbárie instituída e institucionalizada (justificada e não punida), essas violências devem ser julgadas como crimes de genocídio e lesa-humanidade. Afina, conforme Segato (2012), a estrutura patriarcal se organiza sobre as relações de gênero e estas são violentas e genocidas: “el recurso a la agresión, por lo tanto, aun en el ambiente doméstico, implica la suspensión de cualquier otra dimensión personal del vínculo para dar lugar a un afloramiento de la estructura genérica e impersonal del género y su mandato de dominación” (SEGATO, 2012, p. 05). Daí a necessidade de pensar o gênero como uma dimensão da existência humana, da política e que tem impacto direto sobre as coletividades. A importância da tipificação do femigenocídio se justifica para a elaboração de protocolos de investigação mais eficazes e para garantir a diminuição da impunidade (calcada em uma certeza acerca de uma suposta “superioridade” masculina – por isso, quanto mais extremistas as sociedades, mais misóginas e a identificação de mais homens do que mulheres com discursos e práticas extremistas).

Como mencionamos, a categoria do femigenocídio como variação pública e coletiva (um tipo específico de feminicídio), caracteriza-se por sua genericidade, sistemática, reiteração e independente da intimidade dos sujeitos. Trata-se de crimes que têm como objetivo específico a destruição das mulheres por serem mulheres. Nesses casos, não é possível personalizar ou individualizar o motivo do crime, tampouco a relação entre o feminicida e a vítima. A mulher violada pode ser qualquer uma porque ela é todas, assim como aqueles que a tratam com violência. Quando os dados públicos (que não necessariamente correspondem ao factual, uma vez que não há interesse governamental em coletar os dados e, menos ainda, solucionar a questão) demonstram que a violência (de vários tipos e em vários níveis), assim como casos de feminicídio aumentaram vertiginosamente nos últimos anos, em especial, de governo de extrema direita no Brasil, percebemos um femigenocídio em curso, planejado e executado. Da mesma forma, quando percebemos movimentos e associações de mulheres pela família, dominadas pelo discurso institucional religioso, com especial destaque para o neopentecostal, também percebemos a instauração de femigenocídio em nossa sociedade, com vídeos veiculados na internet com líderes religiosos dizendo a seus fiéis, todos homens, que eles podem e devem serem os primeiros a “desabrocharem” os corpos de suas filhas, temos um femigenocídio em curso e, nesse sentido, esta proposta revela o quanto “precisamos falar sobre isso” para combater essa *pravda*.

Tomamos *A Letra Escarlata* como mote para pensarmos esses atos por compreendermos a arte como mais que expressão estética, mas sim como responsabilidade ética “sem álibi”, como diria Bakhtin (2011); como obra que, ainda hoje, reflete e refrata uma *pravda* vivida pelas mulheres diante da crueldade de atos misóginos de ódio. Claro que a obra está envolta de uma atmosfera romântica, mas o que nos salta aos olhos é a crítica a uma prática social não apenas mantida, mas ainda agravada.

Afinal, pensar arte e vida em interação significa, tanto pensar as relações valorativas refletidas e refratadas nos enunciados que constituem o objeto de uma pesquisa, quanto refletir sobre atos socioculturais de um pequeno tempo reverberado no grande tempo da história e da cultura. Esse estudo se justifica por fomentar discussões que refletem e refratam um *modus vivendi* e um *modus operandi* que pode levar a compreender atos de linguagem e práticas sociais na relação estética e ética.

Objetivos

Objetivo Geral

. Refletir, a partir de *A Letra Escarlate*, acerca de casos de femigenocídio expressivos no Brasil e no mundo nos anos de 2024 e 2025, tendo em vista a relação estética-ética como *pravda* de vida.

Objetivos Específicos

- . Estudar e escrever um estado da acerca de femigenocídios do ponto de vista da história das mulheres;
- . Situar cada enunciado pesquisado em seu contexto de produção;
- . Analisar elos e singularidades entre os discursos analisados, com base em procedimentos teórico-metodológicos dialético-dialógicos bakhtinianos e dos estudos culturais.

Metodologia

Esta proposta bibliográfica, de cunho qualitativo-interpretativo, segue três procedimentos metodológicos: descrição, análise e interpretação. No primeiro, o objetivo é descrever o *corpus*; no segundo, analisar as relações linguísticas e metalinguísticas dos enunciados; e, no terceiro, interpretar, de modo dialético-dialógico, cada enunciado, relacioná-lo com os demais e ao contexto de produção para compreender a ligação entre o processo singular e os elos na corrente discursiva com a vida social.

Fundamentada no pensamento bakhtiniano e nos estudos culturais feministas, esta proposta compreende os enunciados em interação, de forma contextualizada.

A metodologia bakhtiniana é dialética-dialógica, tendo em vista a movimentação, sem conclusão, em que a síntese dialética não se caracteriza como fim de um embate estabelecido por uma tese e uma anti-tese, mas instaura a continuação ou a reinauguração de um outro ponto de embate, uma vez que se caracteriza como nova tese, gerada como e geradora de resposta (direcionada ao passado e ao futuro). Nesse sentido, o papel da síntese é fundamental não porque coloca fim ao movimento, mas, justamente o oposto, porque instaura o diálogo em outro nível, dialeticamente.

Ao pensarmos na proposta de Volóchinov e em seu solo materialista histórico-dialético (em *Marxismo e Filosofia da Linguagem - MFL*, 2017), consideramos as propostas abstratas de Kant e Hegel e sua inversão marxista. Se a dialética filosófica de Kant e Hegel se pauta no mundo ideal e considera o mundo real como sua cópia imperfeita, a proposta de Marx se calca no materialismo histórico, tendo como foco o mundo concreto. Volóchinov [no *MFL* e no “Palavra na vida e palavra na poesia” (2019)], Medviédov [em *Método Formal nos Estudos Literários* (2012)] e Bakhtin [em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017)] explicitam a proposta de linguagem do Círculo, focada na materialidade da linguagem, no enunciado, em sua expressão potencial cognoscível, em movimento dialógico interno e externo do eu com o outro (enunciado e sujeito, também interno e externo), em uma adesão ao percurso metodológico marxista, calcado na dialética material de movimento (dialógico) de embate sem começo nem fim, centrado no jogo Tese 1 (Afirmação 1) – Anti-tese 1 (Negação 1) – Síntese 1 (Negação da Negação 1 / Nova Tese 2 – Afirmação 2), que gera, de modo inacabado, por meio de um ponto delimitado no pequeno tempo da cultura, uma compreensão responsiva do grande tempo, ao se pensar na descrição, na análise e na interpretação de um dado *corpus* de pesquisa.

Assumimos o método dialético-dialógico, denominado por Volóchinov (2017; 2019) como “sociológico”, porque, no movimento de circulação do romance estudado em interação com os dados midiáticos de femigenocídio em 2024 e 2025, perceberemos como a relação estética-ética é vivo e reflete e refrata, de modo responsivo, a *pravda*, em especial, das e sobre as mulheres.

Os critérios metodológicos de delimitação do corpus serão selecionados junto com a coleta de dados, em construção, uma vez que não é possível prever com antecedência o que acontecerá nos anos de 2024 (em curso) e no primeiro semestre de 2025. Assim, o período de coleta está delimitado. O tema e o gênero discursivo também (notícias midiáticas sobre femigenocídios no Brasil e no mundo). Na obra-mote, trabalharemos com as cenas de tortura, julgamento, encarceramento e condenação da protagonista como forma de estudarmos procedimentos de violência e violação.

Em consonância com a proposição bakhtiniana de linguagem, que não desconsidera a expressão social da arte “enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc), [uma vez que] a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 118 - adequação nossa), esperamos atingir, por meio de um

movimento teórico-metodológico dialético-dialógico entre arte e sociedade, o objetivo desta proposta.

Plano de trabalho e Cronograma de Execução

A pesquisa tem seu plano de trabalho organizado em 12 meses de execução (setembro de 2024 a agosto de 2025), em que as atividades estão divididas em 6 bimestres:

- . Primeiro bimestre: Fundamentação teórica, coleta de dados, estado da arte, apresentação no CIC;
- . Segundo bimestre: Contextualização e delimitação do *corpus*, fundamentação teórica;
- . Terceiro bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Parcial, elaboração de artigo com o orientador;
- . Quarto bimestre: Construção metodológica e análise do *corpus*;
- . Quinto bimestre: Interpretação reflexiva do objeto e dos resultados, apresentação de trabalho em evento;
- . Sexto bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Final e publicação de artigo com o orientador.

Os encontros entre orientador e orientando acontecerão, individualmente, de modo mensal e a participação do aluno no Grupo de Estudos coordenado pelo orientador será semanal, com orientações coletivas. Além disso, há o compromisso de expor os resultados da pesquisa em 2 eventos com apresentações de trabalho, assim os resultados serão divulgados em uma publicação.

Para a melhor visualização do percurso de trabalho, segue o quadro abaixo, em que as atividades não aparecem de modo estanque, mas sim de modo concomitante:

Etapas	1º Bim	2º Bim	3º Bim	4º Bim	5º Bim	6º Bim
Embasamento teórico	X	X	X	X	X	X
Contextualização		X	X			
Estado da Arte	X	X				
Análise dos <i>corpora</i>			X	X	X	X
Relatórios			X			X
Eventos		X			X	
Publicação			X			X
Grupo de Estudos	X	X	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X

Referências¹

- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2009.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I – A Estilística*. São Paulo: 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II – As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III – O romance como gênero literário*. São Paulo: 34, 2019.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- BEAUVOIR, S. de. *O Segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.
- MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
- SEGATO, R. L. et al. *¿Qué es un feminicidio?* Notas para un debate emergente. 2006. Disponível em: <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/13981>. Acesso em: 25 mai 2024.
- SEGATO, R. L. *Femigenocidio y feminicidio: una propuesta de tipificación*. 2012. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys24/feminicide/rita.htm>. Acesso em: 25 mai 2024.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. N. *Palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: 34, 2019.

¹ As referências aqui elencadas compõem apenas a base inicial da pesquisa e se resumem ao limite de páginas permitido pelo edital desta proposta. Com o desenvolvimento do estudo, outras referências serão incorporadas.